

OS DESABRIGADOS.

Suicidas! Suicidas! Que proposta tem dentro de si mesmo para cometer um ato de querer tirar algo que não lhe pertence? Vida é Deus e Deus é Vida.

No verão de uma manhã em que o calor era insuportável, na velha Paris melancólica, vivia um homem cuja característica principal era ser subordinado. Os parisienses não estavam acostumados com tanto calor, e percebemos pelas alamedas floridas, o suor misturado com um cheiro forte de não ter o costume da higienização diária como em países tropicais.

Eduardo vinha caminhando com o mesmo tipo, cabisbaixo e melancólico, não conversava muito, passos largos, roupas escuras, suor constante. Desde pequeno ouvia vozes, o que não conseguia um equilíbrio sadio para sua vida diária. Era como se as vozes os conduzissem por todo o seu caminhar.

Era solteiro, pois nunca se permitiu apaixonar-se por criatura alguma, achando que não merecia dividir as suas dores com alguém. Frequentou a escola primaria, desistindo em seguida para se dedicar ao trabalho e auxiliar a própria mãe, que viúva era desde o seu nascimento. Foi nos primeiros anos do colégio que Eduardo percebeu que as vozes que ele ouvia não eram de seus colegas e sim de sua própria cabeça. Com isso, o isolamento se fez presente em sua vida, não tendo amigos, pois não partilhava o que sentia nem mesmo com a sua mãe, devido ao medo que imperava diante aos atos barbares que já manchava a França com sangue puro da jovem Joanna D'Ark. Aprendeu a ouvir sem dar atenção a elas, mas isso se fez muito forte no início de sua adolescência, pois as vozes suplicaram dentro de si mesmo um resgate, um espaço para sobrevivência. Com muita dor dentro de si mesmo, Eduardo caminhava pelas vielas de Paris quando, sem perceber, trombou com uma senhora idosa, cabelos brancos, semblante claro, que pediu desculpas imediatamente por seu descuido em não vê-la. Ela o abraçou com lampejos de amor e disse a ele: - pequeno ser que caminha sem um rumo, sem uma orientação, me ajude a chegar em minha casa, pois estou muito cansada carregando essas sacolas! Ele, imediatamente, pegou as sacolas e com ela seguiu até o seu humilde lar que ficava algumas quadras dali. Ao chegar, a senhora que se chamava Clarisse, convidou a entrar e tomar uma xícara de café, que ele, sem saber o motivo, aceitou de imediato. Dna Clarisse, uma senhora muito humilde, mas de grande amor no coração e com uma sensibilidade enorme, observou que Eduardo sofria muito, enterrando dentro de si mesmo algo precioso que recebia da divindade para ser exercida como um bem a todos os seres. Pediu a Eduardo que viesse mais vezes em sua casa para poder ler algo para ela, que dizia gostar muito de livros, mas não sabia ler. Eduardo passou a frequentar a casa de Dna Clarisse diariamente, depois do trabalho que exercia como entregador de leite e pães. Lia os livros para ela com muita vontade, mas nunca tocou no assunto das vozes que o acompanhavam a todo instante. Certa vez, ao ler um romance titulado como "O Jogador de Cartas, observou que parecia ler uma parte de si mesmo, era a mesma história narrada através dos tempos sobre um jovem que tinha a sua vida atormentada pelas vozes que acabaram por leva-lo ao suicídio doloroso. Parou de ler imediatamente, olhando a anciã com seus olhos arregalados querendo questionar o que significava aquilo. Ela percebeu seu incomodo e começou a retratar que isso era algo normal, pois existíamos em vários lugares ao mesmo tempo, em várias dimensões e que nos permitíamos ouvir em várias frequências. Não há mistério algum, porém o que o homem ainda não consegue explicar tem como uma verdadeira aberração. Ela pediu a ele que começasse a prestar atenção ao que ouvia e anotar para mais tarde lê-las. Ele, um tanto aliviado por poder dividir sem medo o que ocorrida em sua vida, sentiu que um peso muito grande caiu de seus ombros, e passou a anotar tudo o que ouvia. Andava

com papel, tinta e uma pena, dados pela senhora, passando a prestar atenção no que ouvia, anotado tudo. Percebeu que essas vozes não vinha de fora, era como se visse vivo em todos os quadro que se abriam em sua mente, parecia estar descortinando ele mesmo dentro de vários estados dimensionais. O que era isso? Se viu guerreiro, perverso, pirata, revolucionário e muito outros quadros. Começa em sua história a perceber que ele existia em muitas fases ao mesmo tempo. Retratava os quadros, escrevendo dezenas de palavras por minuto percebendo que para cada cena ele se transformava no que escrevia. Estaria ficando louco? Qual o sentido de tudo isso? Era como se a sua cabeça fosse mais de mil cabeças ao mesmo tempo. Dna Clarisse pedia a ele que lê-se com atenção a todas as escritura que fazia, e percebeu que a cada uma delas ele mudava sua fisionomia. Era uma suplica de todas as suas vidas que estavam em atividade constante dentro dele, como um pedido de auxilio, de compaixão, de entendimento, de perdão. Me perdoe, ele dizia a todo instante, em perdoe! Perdoar quem? Perdoar o que? Dna Clarisse pegava em sua mão e dizia assim: meu querido, aceite o perdão que pedes! Ele dizia: mas quem pedes perdão? Ora, não percebeu ainda? Precisa olhar para essa personagem que surge em sua mente e abraça-la com amor. Eduardo, segue o conselho de dna Clarisse, que ao visualizar essa clama de perdão, abraçasse a ele e sente um alivio muito grande dentro de si mesmo, como se estivesse devolvendo o abrigo a esse personagem que vivia desabrigado. Assim fez com todas as vozes que surgiam dentro dos quadros desenhados em sua mente e começou a perceber que se tratava dele mesmo. Eu sou ele e ele sou eu!